

REVISTA FAROL

FACULDADE ROLIM DE MOURA

ISSN Eletrônico: **2525-5908**

www.revistafarol.com.br

ISSN Impresso: **1983-1633**

**Escritas não convencionais em publicações de grupos de compra e
venda da rede social Facebook**

Elaine Porto Chiullo

Escritas não convencionais em publicações de grupos de compra e venda da rede social *Facebook*

Elaine Porto Chiullo¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é investigar e classificar os desvios ortográficos de origem fonético-fonológica decorrentes de falhas originadas no processo de estimulação do desenvolvimento da consciência fonológica na escrita de usuários adultos em publicações de grupos de Compra e Venda da rede social Facebook nas regiões de Rolim de Moura e Porto Velho – Rondônia. O referencial teórico foi construído a partir de autores que tratam da natureza do sistema de escrita, do desenvolvimento consciência fonológico, da ortografia e das categorias de erros ortográficos Cagliari (1989), Scliar-Cabral, (2003), Zorzi (1997), Soares (2018). Os erros foram identificados e categorizados e a análise dos dados permite concluir que os desvios de escrita ortográfica decorrem da tentativa de estabelecer uma relação entre sons e letras, com apoio na oralidade e na inadequada generalização de regras da ortografia, revelando um esforço cognitivo dos escreventes adultos na organização da sua escrita. Embasados pelos estudos de Barton e Lee (2015) e Bortoni-Ricardo (2005), vamos apurar também a hipótese de que o ambiente informal e de afinidade proporcionado pelos grupos sociais do Facebook encoraja as pessoas à interação escrita, mesmo sem o pleno domínio das regras língua padrão.

Palavras-chave: Consciência fonológica; Fonologia; Ortografia.

Unconventional writing in publications of buying and selling groups on the social network Facebook

ABSTRACT: the objective of this work is to investigate and classify the orthographic deviations of phonetic-phonological origin due to failures originated in the process of stimulation of the development of phonological awareness in the writing of adult users in publications of groups of Buy and Sell groups of the social network Facebook in the regions of Rolim of Moura and Porto Velho - Rondônia. The theoretical framework was constructed from authors who deal with the nature of the writing system, the development of phonological awareness, spelling and categories of orthographic errors Cagliari (1989), Scliar-Cabral (2003), Zorzi (1997), Soares (2018). The errors were identified and categorized and the analysis of the data allows us to conclude that the spelling errors are derived from the attempt to establish a relationship between sounds and letters, with oral support and the inadequate generalization of rules of spelling, revealing a cognitive effort of the clerks adults in organizing their writing. Based on the studies of Barton and Lee (2005) and Bortoni-Ricardo (2005), we will also hypothesize that the informal and affinity environment provided by social groups on Facebook encourages people to write interaction, even without full standard language rules.

Keywords: Phonological Awareness; Phonology; Orthographic.

¹ Professora de Língua Portuguesa do Governo do Estado de Rondônia. Mestranda em Letras pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho, Brasil. E-mail: elaineportochiullo@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A virtualidade e a exposição ampla e global promovidas pelas redes sociais *online* promoveram impactos significativos na forma da linguagem e práticas comunicativas da vida contemporânea. Várias redes sociais, chats *online*, comunicadores instantâneos - como o *WhatsApp* - estão incorporados à rotina dos brasileiros conectados à internet. De acordo com o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em pesquisa divulgada em 20 de dezembro de 2018, praticamente dois terços da população do país (69,8%) com 10 anos ou mais de idade possuem conexão com a internet, deste percentual, 95,5% dos entrevistados acessam a internet para trocar mensagens de texto, voz ou imagens através de aplicativos. Diante deste quadro, é possível afirmar que nunca se usou tanto a escrita para comunicar-se. Tantas trocas de mensagens *online* expôs de maneira ostensiva o que já sabíamos por meio de estatísticas, o baixo índice de letramento do brasileiro adulto. O Instituto Paulo Montenegro em parceria com a ONG Ação Educativa, em relatório de Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), divulgado em agosto de 2018, aponta que mais de 3 a cada 10 brasileiros com idade entre 15 e 49 anos, embora Funcionalmente Alfabetizados², “têm significativas limitações para relacionar-se com as demandas cotidianas de uma sociedade letrada”.

Assim, optou-se por desenvolver esta pesquisa junto aos grupos de Compra e Venda da rede social *Facebook* das regiões de Rolim de Moura e Porto Velho – Rondônia, que, por se tratar de um ambiente que visa a relação comercial, presume-se, que os escreventes sejam adultos pertencentes a contextos sociais diversificados. Com objetivo de investigar e classificar os desvios ortográficos de origem fonético-fonológica decorrentes de falhas originadas no processo de estimulação do desenvolvimento da consciência fonológica na escrita de usuários adultos, e ainda, na expectativa de compreender como o ambiente informal e de afinidade proporcionado pelos grupos sociais da rede social encoraja as pessoas à interação escrita, mesmo sem o pleno domínio das regras língua padrão.

Esta pesquisa é caracterizada como um estudo quantitativo e qualitativo de caráter descritivo, que pretende identificar, categorizar e analisar os erros ortográficos de origem

² O relatório do Inaf considera **funcionalmente alfabetizados** os que pertencem às categorias de alfabetização **elementar, intermediário e proficiente**. Quem alcança o alfabetismo elementar consegue selecionar uma ou mais unidades de informação em textos diversos de extensão média realizando pequenas inferências, por exemplo, mas não interpreta figuras de linguagem como metáforas. O nível intermediário, por sua vez, permite que a pessoa elabore síntese de textos diversos (jornalísticos e científicos). Já o proficiente é a única categoria apta a opinar sobre o estilo do autor ao ler algum texto - é o nível mais alto da escala

fonético-fonológica possivelmente decorrentes de falhas originadas no processo de estimulação do desenvolvimento da consciência fonológica na escrita dos usuários adultos dos grupos de Compra e Venda pesquisados.

Para a coleta de dados, foram realizadas cuidadosas observações das publicações dos grupos *locus* desta pesquisa, durante o período de janeiro a agosto do ano de 2017, a fim de identificar e analisar as palavras com desvios ortográficos de origem fonético-fonológica. Foi coletado para o *corpus* desta pesquisa um total de 59 palavras que caracterizavam desvios ortográficos e, para análise subsequente, estas foram arquivadas por meio de fotos (*prints*) da tela do computador ou do aparelho *smartphone* utilizados.

Após a coleta de dados, foram empregados de análise da natureza dos erros relacionando-os às categorias de referência baseadas em Cagliari (1989); e posterior discussão sobre possíveis motivações fonético-fonológicas da relação entre a representação das letras com os fonemas e os sons contidos nas sílabas.

A conclusão discute a importância do desenvolvimento da consciência fonológica nos primeiros anos da alfabetização e a continuidade dos estudos fonéticos e fonológicos durante toda a educação básica e que a manipulação e adaptação das palavras na internet deveriam acontecer de modo consciente, apenas pelo desejo do escrevente de transmitir humor ou direcionar a pronúncia dos leitores para variedades linguísticas específicas.

A COMUNICAÇÃO ESCRITA NAS REDES SOCIAIS

A escrita objetiva comunicar algo e precisa garantir ao interlocutor a compreensão daquilo que se quer transmitir. No meio acelerado da comunicação *on-line*, os usuários das redes sociais procuram desenvolver novos modos de transmissão de ideias, recorrendo muitas vezes a um híbrido de fala e escrita, mediante léxico menos burocrático e estilizado, ou mesmo livres das convenções ortográficas. Em relação ao hibridismo da escrita na internet, Barton e Lee (2015) entendem a Comunicação Mediada por Computador (CMD) como uma variedade do idioma utilizado em ambiente *on-line*, e atribuem a ela alguns traços característicos:

acrônimos e siglas (ex: PFV para “por favor”, rs para “risos”); reduções de palavras (por exemplo, blz para “beleza”; vc para “você”; q para “que”; kd para “cadê”); homófonos letras/número (por exemplo, U para “you” e 2 para “to”) grafia estilizada (por exemplo: “eu estou muuuuuuuuito feliz!”)

emoticons (por exemplo, 😊 e 😞) pontuação não convencional/estilizada (por exemplo, “!!!!!!!!!!” “.....”). (BARTON e LEE, 2015. p. 16, grifos dos autores).

Devido a esta interação informal, é possível pressupor que os interlocutores da internet desejam fazerem-se próximos dos outros sujeitos dos grupos de interação, valendo-se de recursos grafolinguísticos para transmitir emoção às suas mensagens que a escrita formal não permitiria.

OS GRUPOS DE INTERAÇÃO DO *FACEBOOK*

O site *Facebook* foi criado e apresentado no ano de 2004 por estudantes de Ciência da Computação da Universidade de Harvard, liderados Mark Zuckerberg (14 de maio de 1984, Nova Iorque, EUA). Inicialmente o objetivo visava à interação entre os estudantes universitários de Harvard, e, posteriormente, com a evolução da comunicação e a facilidade de acesso por meio dos *smartphones*, a ideia rapidamente se espalhou pelo mundo, ampliando sua função original para uma plataforma voltada aos mais diversos usos, atraindo, dessa forma, múltiplos perfis de usuários e conseqüentemente infinitas possibilidades e objetivos de uso.

A popularização do *Facebook* deve-se, principalmente, ao seu *layout*, que dispõe do recurso de uma caixa de texto denominada popularmente como “atualização de status”, função utilizada para diversas funções discursivas, tais como a expressão de opinião, relato de estados de espírito e outros sentimentos, conforme análise de Barton e Lee (2015, p. 59).

O limite de 5.000 caracteres mais conteúdo multimodal que permite anexar fotos e vídeos às mensagens, fazem desta rede social um espaço *on-line* de comunicação de formas simultâneas ou não simultâneas de interação, permitindo ainda um recurso de comentário que, por vezes, age como um meio para estabelecer minifóruns de discussão. Dentre as diversas formas de comunicação disponíveis dentro da rede, destacam-se os grupos temáticos criados pelos próprios usuários, como descrito por Correia e Moreira (2014, p. 176)

os grupos de interação usados para discussões e eventos, e constituem uma forma muito particular de permitir que certo número de pessoas possam juntar-se online, de maneira simultânea ou assíncrona, para partilhar informação e discutir temas específicos.

Baseados na teoria sociocultural do trabalho de Lave e Wenger (1998), Barton e Lee (2015, p. 50) definem grupos de interação nas redes sociais como uma **comunidade de prática**. As comunidades de prática são agrupamentos de pessoas que compartilham três características básicas: **compromisso mútuo** entre as pessoas; **envolvimento** num empreendimento conjunto; **repertório** compartilhado. A figura 1 ilustra essa inter-relação entre os membros e seus vínculos:



Figura 1 - A inter-relação dos três elementos-chave de uma comunidade de prática

Fonte: Elaborado pela autora.

Devido ao avanço das tecnologias de comunicação e à facilidade de conexão com a internet o acesso à plataforma *Facebook* aumentou consideravelmente, como resultado, também a exposição *online* dos usuários. Nesse cenário, permitiu-se a possibilidade de utilizar a rede social como, por exemplo, uma vitrine de anúncios dos mais diversos produtos. Assim, grupos de compra e venda rapidamente se popularizaram e o usuário comum tem a oportunidade de redigir e publicar seu próprio anúncio de venda ou compra, interagindo com outros usuários que compartilham de objetivos semelhantes. As autoras Kohn e Kruehl (2016, p. 107) explicam em seu artigo que

alguns desses grupos são restritos, outros mais abertos; alguns se limitam a determinado tipo de produto ou público, outros são verdadeiras “feiras-livres”. Há ainda os desregulados e os que implementam regras rígidas e mediadores a fim de garantir a reputação (moral) do grupo, sem pornografia ou organização do ponto de vista dos anúncios do grupo.

Com a criação desses espaços nos quais as pessoas participam em razão de interesse específico e no qual a interação é promovida por meio da escrita *on-line*, os usuários e membros

dessas comunidades de prática sentem-se encorajados a interagir, de maneira consciente ou não, mesmo nos casos em que a consciência do pouco domínio da ortografia existe, revelando, assim, o repertório linguístico. Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) explica:

o comportamento linguístico é um indicador claro da estratificação social. O falante, em seu cotidiano, adéqua sua linguagem às situações específicas, isto é, o estilo do falante depende do outro que está presente na interação, do tema e do contexto social, espacial e temporal.

Neste sentido, Barton e Lee (2015, p. 53) complementam:

a internet encoraja muitos tipos de relações e formas de interação incluindo grupos de afinidades, mas vai além deles. As pessoas podem interagir sem a presença física e sem papéis claros ou rígidos. Podem participar sob anonimato, usando identidades inventadas, e com novas noções de audiência. Todos esses fatores podem resultar em novas e diferentes formas de participação.

Considerando os locais em que essas mensagens são criadas/elaboradas, em que um emissor membro do grupo escreve para outros receptores – muitas vezes desconhecidos e também membros do mesmo grupo –, levanta-se a hipótese de que a preocupação desse emissor será escrever aquilo que o comportamento linguístico do grupo exige que seja escrito, isto é, um texto de descrição e o preço do produto ou serviço oferecido. Assim, alguns membros destes grupos não conferem a devida atenção ortográfica ao modo como escrevem e, encorajados pelo ambiente informal da comunidade, acabam, muitas vezes, recorrendo à transcrição da oralidade, ou adaptando as palavras ao que julga ser a regra possível dentro do sistema de escrita. em outras palavras, é possível afirmar que o usuário, em grupos de compra e venda escreve as palavras da mesma forma como as pronuncia ou que julga ser o correto para a escrita baseado em generalização de regras ortográficas.

OS ERROS ORTOGRÁFICOS

É bastante comum nos depararmos com os famigerados erros ortográficos nos mais diversos ambientes. Estão presentes nas redes sociais, cartazes e placas pelas ruas, em ambientes corporativos e acadêmicos, inclusive. Ninguém está livre de cometê-los mesmo com a ajuda da tecnologia presente nos corretores ortográficos dos computadores e *smartphones*.

Estudos recentes avaliam o erro como parte do processo de aprendizagem da escrita e apontam relação de reciprocidade do desenvolvimento da consciência fonológica com o

processo de alfabetização e as convenções do sistema ortográfico da língua, como revelam as pesquisas de Cagliari (1989, 2009), Zorzi (1997), Scliar-Cabral (2003), entre outros; “o erro de ortografia relaciona-se com as hipóteses que o aluno levante sobre a escrita, apenas isso” (CAGLIARI, 2009, p. 244).

Zorzi (1997) aborda o erro ortográfico como a não compreensão de um complexo conjunto de conhecimentos progressivos que envolvem: correspondências quantitativas; identificação da posição da letra dentro da palavra; compreensão da correspondência letra som / som e letra. Em outras palavras, entendemos que o erro na escrita é resultante de déficit na habilidade de refletir sobre os sons que compõem a fala e a relação com o que se acredita ser a ortografia.

Tratando-se de linguagem, para Cagliari (2009) existe o certo, o errado e o diferente. Este autor defende que a escrita é a representação da linguagem oral, porém está acima das diferenças regionais e segue regras rígidas estabelecidas por convenção, tornando-se uma só para todos. Assim sendo, do ponto de vista da escrita, “está errado tudo que vai contra a ortografia e as normas gerais do nosso sistema de escrita” (CAGLIARI, 2009, p. 249). Do ponto de vista da fala, “cada dialeto tem seu modo de ser, de acordo com o uso que as pessoas fazem da linguagem” (CAGLIARI, 2009, p. 250). Logo, não existe erro na fala do falante nativo, existe uma diferença linguística (ligada à maneira de se usar a fala) e o erro linguístico é ligado ao rompimento de normas da escrita.

[...] o aluno erra a forma ortográfica porque se baseia na forma fonética; os erros que comete revelam claramente os contextos possíveis, não são ocorrências aleatórias. Um aluno pode escrever *talveis* (talvez), mas não escreve *eileifante* (elefante); [...] É impressionante como os erros dos alunos revelam uma reflexão sobre os usos linguísticos da escrita e da fala (CAGLIARI, 1989, p. 61).

São diversos os motivos que levam o aluno durante o processo de alfabetização e o adulto das redes sociais a realizar essas transcrições fonéticas em seus textos; por exemplo, o fato de não terem a leitura como um hábito, por se comunicarem mais oralmente do que pela escrita, formalmente, ou até mesmo por se comunicarem por meio de redes sociais, em que, geralmente, as palavras são escritas como são pronunciadas, com suas diferenças regionais, sociais e até pessoais.

A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

Os “erros” ortográficos constantemente observados na escrita de adultos em comentários das redes sociais levantam suspeita sobre o nível de consciência fonológica do usuário adulto das redes sociais, pois, de acordo com afirmações de Leonor Scliar-Cabral (2003), Magda Soares (2018), Luiz Carlos Cagliari (1989) e outros, os “erros” ortográficos dos falantes nativos – enquanto aprendizes da língua escrita – nos revelam o nível de conhecimento que já possuem sobre a língua e a capacidade refletir sobre o texto escrito ao tentar solucionar determinada dificuldade.

Scliar-Cabral (1995, p. 49) define a consciência fonológica ou metafonológica como o ato de reflexão que o ser humano é capaz de fazer sobre sua própria língua, o que pode envolver os níveis fonológico, sintático, semântico e pragmático. Quando fonológico, é denominado de consciência fonológica; neste nível, a habilidade pode ser caracterizada como a representação consciente das propriedades fonológicas e das unidades constituintes da fala.

Para Soares (2018, p. 171-88) a consciência fonológica é algo complexo, diverso e implica diferentes níveis que envolvem as habilidades de reconhecimento e produção do valor das letras – consciência lexical –, dissociação da cadeia sonora das palavras do realismo nominal – consciência de rimas e aliteração – e a capacidade de divisão em sílabas da cadeia oral da fala – consciência silábica.

Ao passo que a consciência fonológica evolui, o usuário da língua escrita deveria tornar-se capaz de detectar e usar regras que regem a comunicação escrita para retificar os erros de transcrição da fala. Pode-se entender que possíveis falhas originadas no processo de estimulação do desenvolvimento da consciência fonológica na alfabetização sejam uma das causas da persistência dos “erros” ortográficos ligados aos processos fonéticos/fonológicos na produção de textos de adultos usuários da internet.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa analisa uma amostra de palavras com desvios ortográficos mais recorrentes nos textos dos usuários dos grupos de compra e venda do *Facebook* das regiões de Rolim de Moura e Porto Velho (RO), a fim de compor um quadro de registro dos principais desvios ortográficos encontrados na escrita de membros destes grupos. Pelas características do ambiente da pesquisa (relações comerciais), presume-se que os escreventes sejam adultos pertencentes a contextos sociais diversificados. As análises são pautadas nos estudos de Cagliari (1989, p. 137-45) associadas às teorias de Zorzi (2003, p. 59-104).

Na análise de Luiz Carlos Cagliari (1989) os erros são classificados em: 1. Transcrição fonética; 2. Uso indevido de letras; 3. Hipercorreção; 4. Modificação da estrutura segmental das palavras; 5. Juntura intervocabular e segmentação; 6. Forma morfológica diferente; 7. Forma estranha de traçar as letras; 8. Uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas; 9. Acentos gráficos; 10. Sinais de pontuação; 11. Problemas sintáticos. Jaime Luiz Zorzi (2003), em seus estudos voltados para a fonoaudiologia e educação, sintetizou pesquisas de autores como Cagliari (1989) e Carraher (1990), e acreditou ser necessária uma reestruturação nas categorias de erros para envolver a grande e heterogênea quantidade de ocorrências relacionadas à apropriação do sistema ortográfico, reclassificou os erros em: 1 representações múltiplas; 2 apoio na oralidade; 3 omissão de letras; 4 junção e separação de palavras; 5 confusão entre “am” e “ão”; 6 generalização de regras; 7 trocas surdas-sonoras; 8 acréscimo de letras; 9 letras parecidas, 10 inversão de letras, 11 outras (relacionadas à individualidade de cada um).

Devido ao grande número de postagens e diversidade de fenômenos linguísticos apresentados, um recorte foi necessário. Limitou-se o *corpus* somente às palavras que apresentam erros relacionados às categorias 1 a 6 nomeadas em Cagliari (1989). O período de pesquisa compreende os meses de janeiro a agosto de 2017.

Esta pesquisa é caracterizada como um estudo qualitativo de caráter descritivo, que pretende identificar, categorizar e analisar os erros ortográficos de origem fonético-fonológica possivelmente decorrentes de falhas originadas no processo de estimulação do desenvolvimento da consciência fonológica na escrita dos usuários adultos do grupos *locus* desta pesquisa.

Para a coleta de dados, foram definidos os seguintes procedimentos: a) identificação das palavras que apresentavam desvio da grafia convencional; b) transcrição fonológica da palavra ortográfica de referência; c) análise da natureza dos erros relacionando-as às categorias de referência citadas anteriormente; d) discussão sobre possíveis motivações fonético-fonológicas da relação entre a representação das letras com os fonemas e os sons contidos nas sílabas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A influência da oralidade dos escreventes fica evidente devido à quantidade de palavras com esta característica encontradas no *corpus*. A análise quantitativa mostra que a os grupos de palavras “transição fonética” (46%) e “uso indevido de letras” (20%) representam mais da metade (66%) do total das ocorrências registradas, observe o gráfico 01 logo abaixo elaborado com o número de ocorrências encontradas:

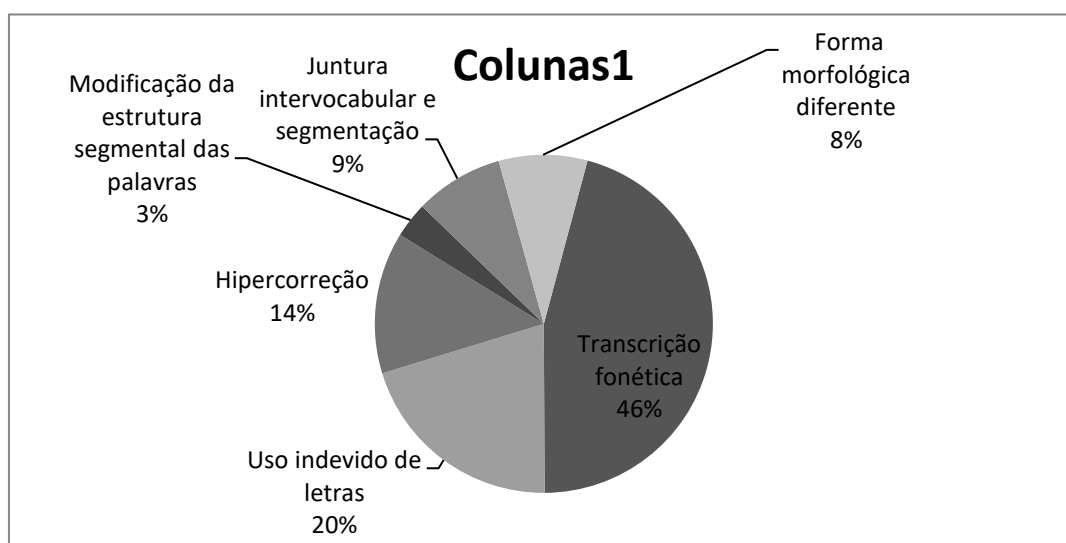


Gráfico 01 – Desvios ortográficos nos grupos de compra e venda da rede social *Facebook*

De um total de 59 palavras analisadas, o maior número é composto por transcrições fonéticas (quadro 1), com 27 ocorrências (46%); uso indevido de letras (quadro 2), com 12 ocorrências (20%); hipercorreção (quadro 3), com 8 ocorrências (8 %); juntura intervocabular e segmentação (quadro 5), com 5 ocorrências (9%); forma morfológica diferente (quadro 6), com 5 ocorrências (8%); modificação da estrutura segmental das palavras (quadro 4), com 2 ocorrências (3%).

Nos quadros 1 a 6 a seguir serão apresentados os resultados encontrados com a análise das palavras do corpus. As análises são pautadas nos estudos sobre erros ortográficos de Cagliari (1989, p. 137-45) e Zorzi (2003, p.105-29). Seguem as análises:

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA: DECORRENTE DE UMA TRANSCRIÇÃO DO PRÓPRIO MODO DE FALAR.

Este grupo representa o maior número de ocorrências, que demonstra que os escreventes dos grupos observados utilizam o apoio à oralidade por não terem o domínio da escrita como sistema de representação autônoma da fala.

Tabela 1 – 27 ocorrências

Palavra com desvio ortográfico	Palavra ortográfica
Alquero	alqueire,
Arqueire	alqueire,
Auguem	alguém;
Baero	banheiro;
Boua	boa,
drento	Dentro
Eli	ele,
Femia	fêmea,
Fonssona	funciona,
i aria	e área
Incomendas	encomendas
Infrentar	enfrentar,
Iorgute	iogurte;
muinto	muito
Numero	número,
Oge	Hoje
Oropeu	européu,-
Parteleira	prateleira,
Pedi	pede,
Pega	pegar,
Poco	Pouco
Porcura	procurar,
Rimeo	rímel,
Souteiro	solteiro,
Tei	Tem
Trabalio	trabalho
Veidi	vende

Fonte: Elaborado pela autora

Nos casos exemplificados, podemos inferir que a fala é o principal elemento gerador dos erros existentes.

Os escreventes utilizam-se de substituições, omissões e acréscimos de letras para aproximar a escrita “transcrição fonética da própria fala” (Cagliari, 1989). Substitui a vogal átona das palavras de acordo com a variante de fala que sempre: <i> e não <e> infrentar, incomendas, eli, pedi, i aria, femia; <o> e não <e> numero; escreve uma vogal em vez de duas: poco, alquero, oropeu, fonssona; escreve duas vogais em vez de uma, por usar em sua pronuncia um ditongo: rimeo; usa somente a vogal para indicar o som nasalizado suprimindo a consoante <m> ou <n>, que não pronuncia: tei, veidi, baero; não escreve <r> final por não haver som correspondente na sua fala: pega; escreve <r> em vez de <l> pois faz a troca quando fala: arqueire; escreve em vez de <lh>, por dizer [li] e não [x]: tabalio; escreve <u> no lugar de <l> em final de sílaba: soutero, auguem; por não ter representação sonora, o escrevente omite a escrita da letra <h>: oge.

Outras alterações ortográficas que expressam “apoio na oralidade” (Zorzi, 2003) de algumas variedades do Português Brasileiro, ou seja, por desconhecimento das regras ortográficas, a escrita se aproxima de uma transcrição fonética da variedade linguística do escrevente. Inversão de letras ligada à posição do fonema dentro da palavra: porcura, parteleira, iorgute; acréscimo de letras por não saber exatamente como representar determinado segmento sonoro ou sílaba: muinto, boua.

USO INDEVIDO DE LETRAS:

A letra que é utilizada para escrever uma palavra, embora possa ser uma opção de escrita, não corresponde ao que é determinado pela ortografia. O escrevente “escolhe uma letra possível para representar um som de uma palavra quando a ortografia usa outra letra” (CAGLIARI,1989, p. 140).

Tabela 2 – 12 ocorrências

Palavra com desvio ortográfico	Palavra ortográfica	Fonema	Representação grafêmica
Alqero Cuarto	alqueire quarto,,	/k/	c, qu, k
Fassa Obecervassao pessa serca caroseria	faça observação peça cerca, carroceria,	/s/	s, ss, sc, sç, c, ç,x, xc, z
Caisa	caixa,	/Σ/	x, ch
Presciza	precisa,	/z/	z, s, x
Gequiti	Jequiti	/Z/	j, g
Vemdo Tanbem	vendo também;	/N/	m, n

Fonte: Elaborado pela autora.

As ocorrências da tabela 2 são exemplos da complexa relação entre sons e letras do sistema de escrita não-unívoco do português. Nas palavras de Zorzi (2003, p.72), “um mesmo fonema poder ser representado por diversas letras ou, inversamente, uma mesma letra poder ser usada para grafar diferentes fonemas” de acordo com as regras dependentes de contexto que definem o grafema para o fonema. Os exemplos refletem a reflexão do escrevente nas escolhas das letras no momento da escrita, pois pela consciência fonológica pode identificar o som e a representação gráfica possível, mas por não dominar corretamente as regras gramaticais convencionadas, generaliza e assume o “risco” de uma escrita que julga ser a correta.

HIPERCORREÇÃO:

Corresponde à generalização de algumas formas possíveis de escrita, como, por exemplo, a compreensão de que o modo de falar não equivale ao modo de escrever. Para Cagliari (1989, p. 141) o escrevente “conhece a forma ortográfica de determinadas palavras e sabe que a pronuncia destas é diferente. Passa a generalizar esta forma de escrever”

Tabela 3 – Hipercorreção - 8 ocorrências

Palavra com desvio ortográfico	Palavra ortográfica
Endica	indica,
Entereso	interesse,
Enteressados	interessados,
Devertir	divertir,
Cocô	coco,
Côco	coco,
Edicola	edícula
Hagora	agora

Fonte: Elaborado pela autora

Os erros de hipercorreção são decorrentes da “generalização de regras” e, de acordo com (Zorzi, 2003) ocorrem devido à internalização equivocada de regras pelos escreventes, ou seja, “aplicar um conhecimento adquirido em uma situação particular a outras situações que se apresentam como semelhantes à primeira”, na tentativa de associar a regra conhecida em outras situações aparentemente análogas. Nas palavras do exemplo, endica, entereso, enteressados, devertir, ocorre o uso de <e> em vez de <i>, pode estar havendo a generalização na medida que, muitas vezes, o <i> (expresso na fala) acaba virando <e> (na escrita). Como em palavras em que a pronúncia das vogais /e/ (átona) em paletó, que se pronúncia [paI't□] na maioria das variedades do Português Brasileiro. As palavras côco e cocô – no contexto da postagem - fazem referência à fruta do coqueiro, mas a palavra coco se escreve sem o acento circunflexo, o escrevente, possivelmente por desconhecimento das regras de acentuação, generalizou o uso acento circunflexo numa tentativa de distinguir da palavra cocô (essa sim, com acento circunflexo) utilizada na linguagem informal como sinônimo de fezes.

MODIFICAÇÃO DA ESTRUTURA SEGMENTAL DAS PALAVRAS:

Essa categoria abrange trocas, supressão, acréscimo e inversão de letras. “Não reflete uma transcrição fonética, nem de fato se relaciona diretamente com a fala. [...] Não tem apoio nas possibilidades de uso do sistema de escrita e representam, às vezes, maneiras de escrever de que lança mão porque não domina o uso das letras” (CAGLIARI, 1989, p. 142).

Tabela 4 – 2 ocorrências

Palavra com desvio ortográfico	Palavra ortográfica
Verdo	vendo,
Ugente	urgente

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisarmos os exemplos percebemos que na palavra “ugente” há omissão da letra <r> em final de sílaba, o que confirma a fala de Zorzi (2003, p. 86) que a maior parte dos erros que registram omissão de letras “ocorrem em sílabas que fogem ao padrão consoante-vogal (CV)”. O escrevente pode acreditar que uma sílaba com mais de um som pode ser representada por uma única letra. Na palavra “verdo” a troca do <n> pelo <r> indica a confusão no traçado das letras. As situações para a ocorrência desse tipo de erro, de acordo com Zorzi (ibid. p. 85) pode ter como causa um “processo ainda não suficientemente desenvolvido de segmentação fonêmica [...] e de identificação de letras e seu valor sonoro”.

JUNTURA INTERVOCABULAR E SEGMENTAÇÃO

Categoria que abrange a escrita de palavras que não são segmentadas da forma convencional. “Reflete o critério que usa para analisar a fala. Na fala não existe separação de palavras, a não ser quando marcada pela entonação do falante” (CAGLIARI, 1989, p. 142).

tabela 5 – 5 ocorrências

Palavra com desvio ortográfico	Palavra Ortográfica
Porcausa,	por causa
Miliga	me liga
ta catela	esta com a tela
perfeita menti	Perfeitamente
Poraqui	por aqui

Fonte: Elaborado pela autora.

A juntura intervocabular (junção intervocabular) ou segmentação (separação inadequada) das palavras, também conhecidos como hiper e hipossegmentação das palavras, são resultantes da influência de padrões da oralidade que tem como propriedade um fluxo sonoro contínuo sem delimitação dos limites da palavra ortográfica. Para Zorzi (2003), o desenvolvimento da noção de palavra, que pode passar despercebida durante o processo de fala é imprescindível na ação de escrita. É a habilidade que permite reconhecer no fluxo sonoro da fala o ponto de início e fim das palavras que aparecem interligadas num único bloco sonoro.

FORMA MORFOLÓGICA DIFERENTE

A variedade dialetal do indivíduo pode dificultar o conhecimento da grafia convencional, quando a forma de falar é muito diferente da forma de escrever. “Acontecem porque, na variedade dialetal que se usa, certas palavras têm características próprias, que dificultam o conhecimento, a partir da sua fala, de sua forma ortográfica” (CAGLIARI, 1989, p. 143).

Quadro 6 – 4 ocorrências

Palavra com desvio ortográfico	Palavra Ortográfica
Tou	estou,
U	o,
Us	os,
Nu	no,
Nus	Nos

Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos inferir que a fala é o principal elemento gerador dos erros existentes. Conforme podemos observar, nas palavras apresentadas, “uma forte influência dos padrões de oralidade sobre as hipóteses de origem da decisão de escrita” (ZORZI, 2003, p. 49).

CONCLUSÃO

Essa pesquisa apresentou e classificou os “erros” ortográficos motivados pela relação entre fala e escrita, de origem fonética/fonológica, possivelmente resultantes de falhas originadas no processo de estimulação do desenvolvimento da consciência fonológica na alfabetização e que ainda persistem na escrita do adulto em publicações de alguns grupos de compra e venda da rede social *Facebook* das regiões de Rolim de Moura e Porto Velho (RO).

Os objetivos propostos foram alcançados, sobretudo, a partir do estudo de obras de Luiz Carlos Cagliari (1989) e Zorzi (1997) entre outros autores mencionados. Buscou-se subsídios teóricos para realizar de forma adequada as classificações dos desvios ortográficos encontrados nas produções textuais selecionadas para esta análise.

Percebeu-se que muitos usuários adultos das redes sociais escrevem da maneira como se comunicam oralmente no dia a dia, numa tentativa de estabelecer uma relação regular entre sons e letras. Portanto, trata-se de esforço cognitivo que organiza o sistema de escrita a partir

de inadequadas generalizações de regras apoiadas na oralidade das palavras, ação que evidencia as falhas na capacidade de segmentar e analisar os sons que compõe as palavras, ou seja, erros originados no desenvolvimento da consciência fonológica.

Podemos observar nesta pesquisa que os escreventes *on-line* pesquisados não se sentem intimidados a inter-relacionar-se mesmo sem dominar todas as regras da escrita ortográfica, provavelmente por se sentirem seguros devido ao distanciamento proporcionado pela comunicação virtual e pelo ambiente de afinidade e informalidade nas chamadas comunidades de prática – os grupos temáticos do *Facebook*.

A partir dos desvios encontrados, elaborou-se um gráfico com as ocorrências mais frequentes. Em vista disso, ficaram evidentes quais os desvios mais comuns entre os textos analisados. É necessário destacar a grande incidência dos erros por transcrição fonética, por exemplo, o uso da escrita “fonssona” para “funciona”.

Diante desse cenário, salienta-se a importância do desenvolvimento da consciência fonológica nos primeiros anos da alfabetização e a continuidade dos estudos fonéticos e fonológicos durante toda a educação básica. Dessa maneira, o estudo das relações das letras com os fonemas e os sons contidos nas sílabas auxiliaria a solucionar a maioria das dúvidas dos escreventes quanto às normas que regem a palavra escrita. A língua portuguesa padrão receberia o tratamento adequado quanto à forma ortográfica em ambiente formal. Na internet ou em qualquer outro ambiente informal, a escrita fonética seria opcional, aconteceria de modo consciente, apenas pelo desejo do escrevente de transmitir humor ou direcionar a pronúncia dos leitores para variedades linguísticas específicas.

REFERÊNCIAS

- BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?**: Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl (Orgs.). **Sociolinguística e ensino**: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: EDUFSC, 2006. Disponível em: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/1251-o-istatuto-io-iaao-oa-liogua-oaal-i-oa-liogua-isiata-65368652>. Acesso em 20 jul. 2018.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1989 (Série Pensamento e Ação no Magistério).
- CORREIA, Pedro M. A. R.; MOREIRA, Maria F. R. Novas formas de comunicação: história do *Facebook* - Uma história necessariamente breve. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, p. 168-87, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20168-187.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2018.
- KOHN, Vivian H.; KRUEL, Alexandra J. O comércio C2C nas redes sociais: uma análise de grupos nas redes sociais. **Desenvolve**: Revista de Gestão do Unilassalle, Canoas, v. 5, n. 2, p. 97-125, jul. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18316/2316-5537.16.25>. Acesso em: 20 jul. 2018.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua TIC 2017**: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>. Acesso em 25 de abr. 2019.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Princípios do sistema alfabético do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2003.
- SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2018.
- LUCCHESI, Dante; ARAUJO, Silvana S. de F. **A teoria da variação linguística**. Disponível em: <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>. 2004. Acesso em: 16 ago. 2018.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ROBERTO, Tania M. G. **Fonologia, Fonética e ensino**: guia introdutório. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. 1.
- SHEPHERD, Tânia G.; SALIÉS, Tânia G. (Orgs.). **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

Recebido para publicação em dezembro de 2019

Aprovado para publicação em janeiro de 2020